

MUSEU : BIBLIOTECA

Data publicação

Diário Grande ABC:
Coluna Memória

Folha para Hemeroteca

27/2/88

Cl:

Assunto:



Aqui, Carlos Panini, o Tato



Reprodução - J. B. FERREIRA

O locutor Tato apareceu. Chama-se Carlos Panini, tem 51 anos, nasceu em Santo André.

Sempre morou em Santo André e hoje trabalha no escritório da Petrobrás, em Capuava. É o mesmo Tato que em 1950 saía no caminhão dirigido por José Guides, o Zé Molambo, para fazer propaganda dos filmes do recém-inaugurado Cine Tangará.

José Guides lembrou de Tato quando recordou dos primórdios do Tangará. Forneceu até uma fotografia do jovem colega que fazia a locução enquanto ele dirigia o caminhão. A foto foi publicada esta semana e logo chamou a atenção dos companheiros de trabalho de Tato, que ligaram à coluna.

Tato, depois da experiência rápida como propagandista de cinema - pouco mais de um ano - perdeu o contato com José Guides. À época tinha 13 anos e seu José 46. Arrumou emprego no Banco do Distrito Federal, que fica perto das antigas porteiras de Santo André, no começo da Bernardino de Campos.

Ali ficou cinco anos. Depois foi para a CTBC. Trabalhou 12 anos. Há 20 anos está na Petrobrás.

Seu irmão gêmeo, Angelo Panini, continua em Santo André. São parecidíssimos. Há uma irmã, Sílvia, também nascida na cidade. Os pais, Silvio e Ermelinda, vieram do Interior e aqui constituíram família, que morava perto do Tangará. O apelido Tato, de Carlos e Angelo Panini, foi dado pelo velho André Magini. Um apelido de há muito esquecido.

Nas lembranças de Tato, as sessões sempre lotadas do Tangará - que ele tinha uma parcela grande de responsabilidade, pois divulgava os filmes. Hoje lamenta o pouco caso dado ao Carlos Gomes.

A foto, também fornecida por José Guides, mostra um dos cartazes do Tangará em 1950 pregado no caminhão dos Magini. O menino é Tato. Na cabine, o gerente Pedro José Lucato. De costas, seu José.